



CRÓNICA

Sabias que a palavra “**crónica**” deriva do grego **chronos**, que significa **tempo**?

Assim, compreenderás a mudança de significado que a palavra sofreu ao longo dos tempos. Na Idade Média, a crónica era um relato historiográfico. Atualmente, é um texto de caráter reflexivo. Todos os dias nos deparamos com pessoas e situações que nos fazem refletir, nos indignam, nos emocionam, nos soltam o riso. O cronista parte de um acontecimento banal, de um assunto do quotidiano, e apresenta a sua perspetiva pessoal.

- ✚ É, por norma, um **texto breve**; surge numa página fixa do jornal, ou num determinado espaço da rádio. É uma rubrica a que os leitores ou os ouvintes se habituem.
- ✚ É um **texto assinado** por um jornalista ou por um escritor colaborador do jornal.
- ✚ Parte de um **assunto do quotidiano**, de uma situação vivida ou presenciada pelo cronista, sobre a qual reflete, interpretando, questionando, brincando, ...
- ✚ Apresenta um **tom** ligeiro ou polémico, irónico ou humorístico, lírico, narrativo ou reflexivo.
- ✚ Caracteriza-se pela **subjatividade**.
- ✚ Utiliza **linguagem** com duplos sentidos, jogos de palavras, conotações, ironias e outros recursos expressivos que aproximam este tipo de texto do texto literário

Exemplo de Crónica

Na pele dos outros

Esta é a história do meu amigo Giorgio, que adoeceu em Lisboa, vítima de uma terrível intoxicação alimentar, e teve de ser internado de urgência no Hospital. No primeiro dia, atordoado, incapaz de falar, achou que os enfermeiros o tratavam com mal disfarçado desprezo, mesmo certa brutalidade. No segundo dia, ao pedir alguma coisa em português – Giorgio fala um português perfeito, embora se note, aqui e ali, a alegria do sotaque italiano – notou que o olhavam com espanto:

- Você não é romeno?

- Romeno, eu?! – Foi a vez de Giorgio se espantar. – Não, não sou romeno! Nem sequer conheço a Roménia, nunca lá estive.

Nesse dia achou que já o tratavam com outra deferência. Doíam-lhe menos as injeções. As enfermeiras queriam saber como se sentia, demoravam-se um pouco a conversar com ele. No terceiro dia fiquei a saber o que lhe acontecera e como, felizmente, estava de passagem por Lisboa fui visitá-lo. Ao perguntar por ele, logo a enfermeira reagiu:



- Aquele coitadinho que comeu ovos verdes com salmonelas? O brasileiro?

Seria o dos ovos verdes, sim, mas brasileiro não, fora italiano a vida inteira – mais precisamente, romano.

- Italiano, tem a certeza? Fala tão bem português que pensámos que fosse brasileiro.

A partir desse momento, segundo conta Giorgio, o tratamento mudou por completo. Passaram-lhe para as mãos o comando da televisão, ou seja, o ceptro, o símbolo da autoridade sobre os restantes pacientes do quarto. Médicos e enfermeiras vinham visitá-lo, partilhar a felicidade que tinham vivido em Roma, durante as últimas férias, ou contar-lhe como numa tarde de chuva haviam entrevistado ao longe, na Praça de S. Pedro, a sombra púrpura do Papa. Pareceu-lhe que até a comida melhorara. A enfermeira que todos os dias lhe dava as injeções apurara a técnica, e ele já mal as sentia. Decidiu confessar-lhe isso mesmo: “Sabe que quando eu era romeno você me magoava muito, depois passei a ser brasileiro e magoava-me menos. Agora que sou italiano quase não sinto a agulha.”

A enfermeira negou com indignada veemência. Naquele hospital, assegurou, tratam toda a gente da mesma maneira. Pobres e ricos. Ciganos e louros escandinavos. Giorgio, todavia, não ficou convencido. Ainda me esforcei por defender as cores de Portugal, dizendo-

lhe que talvez os romenos possuam uma pele mais sensível do que os brasileiros, e estes uma pele mais sensível do que os italianos. Nunca se sabe.

Giorgio acredita que a experiência o tornou uma pessoa melhor, ajudando-o a compreender o que é estar na pele do outro. Talvez tenha razão e todos nós devêssemos, uma vez por outra, praticar um exercício semelhante. O jornalista alemão Gunter Wallraff tornou-se famoso nos anos 80 ao publicar “Cabeça de Turco”, uma reportagem sobre a discriminação a que estão sujeitos os imigrantes turcos no seu país. Para escrever o livro, Wallraff pintou o cabelo de negro, colocou lentes de contacto escuras, aprendeu a falar alemão “como um turco”, e passou depois vários meses a saltar de emprego em emprego. A seguir a Wallraff muitos outros jornalistas, um pouco por todo o mundo, publicaram reportagens baseadas em idêntico princípio. Os suecos criaram mesmo uma palavra, “wallraffa”, para designar este género de reportagem.

Não proponho nada tão radical. Somente que cada um de nós se imagine durante alguns instantes na pele do outro. O marido na pele da esposa. O pai na pele do filho adolescente. O patrão na pele do empregado, o muçulmano na pele do judeu, etc. Dez minutos por dia de um exercício como este, se praticado por toda a gente, digamos depois de despertar, antes de sair da cama e lavar os dentes, deveriam ser suficientes para transformar o mundo num lugar melhor.

In *Pública*, 25 de Maio, 2008